

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE

Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:

Desafios no Campo da Militância e das Práticas



CONVERSANDO COM OS(AS) ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO SOBRE GÊNERO E PROFISSÃO DE PSICOLOGIA

*Raiza Barros de Figueiredo**

*Fatima Maria Leite Cruz***

RESUMO

Esse trabalho visa apresentar um recorte de uma pesquisa de mestrado que buscou compreender a noção de profissão “feminina” presente na psicologia, a qual está assentada em grande parte na majoritária presença de mulheres na profissão. Na sociedade brasileira, determinadas profissões foram construídas culturalmente ligadas ao cuidado, vinculado às mulheres. Assim como a psicologia, a área de educação também foi construída associada ao cuidado e ao “feminino”. Nessa pesquisa, os(as) participantes foram estudantes de psicologia de uma universidade pública do estado de Pernambuco, um espaço educativo, portanto. O trabalho aqui proposto discutirá as impressões iniciais dos(as) participantes sobre a temática da pesquisa. A metodologia empregada foi rodas de conversa e questionário. No que diz respeito a essas impressões, no primeiro momento da roda de conversa, os(as) participantes trouxeram suas experiências iniciais no curso de psicologia, citando o listão do vestibular, a chegada na sala-de-aula, ambas atravessadas pela comparação do quantitativo de homens e mulheres. Em alguns momentos, as experiências iniciais foram marcadas pelo preconceito, relacionado ao fato de estar num curso “feminino”, porém os(as) participantes demonstraram refletir sobre essa concepção no decorrer do curso e ao longo do desenvolvimento da roda de conversa, questionando esse preconceito. Apontamos que essas impressões iniciais se compuseram a partir das diferentes experiências dos(as) participantes. Realizar a discussão sobre gênero e profissão em espaços educativos como a universidade, possibilita a existência de relações de gênero mais igualitárias.

Palavras-chave: Educação. Gênero. Profissão. Psicologia.

1 INTRODUÇÃO

Esse trabalho visa apresentar um recorte de uma dissertação de mestrado que buscou compreender a noção de profissão “feminina” presente na psicologia, a qual está assentada em grande parte na majoritária presença de mulheres na profissão. A referida noção é construída a partir de representações sociais acerca do gênero, sexo e da sexualidade, fundamentais para o entendimento da temática

* Doutoranda em Psicologia (UFPE). Email: raizafigueiredo@gmail.com

** Doutora em Educação (UFPE). Professora do Departamento de Psicologia e Orientação Educacionais (UFPE). Email: fatimacruz@yahoo.com



em questão e bastante veiculadas no senso comum, estando muitas vezes pautadas em dicotomias entre o “masculino” e o “feminino”. A teoria das representações sociais, criada por Serge Moscovici, foi um dos referenciais que fundamentou a pesquisa, porém devido ao recorte feito, realizamos a discussão enfocando o debate conceitual em torno do gênero e da sexualidade.

Segundo o Conselho Federal de Psicologia, CFP (2012), 89% das pessoas que exercem a psicologia no Brasil são mulheres. Através dessa pesquisa, buscamos questionar dicotomias de gênero que cercam o mundo profissional, dividindo-o em profissões “femininas” e “masculinas”.

Lhullier (2013) afirma que a supremacia da presença feminina na profissão não tem sido uma questão para os estudiosos da profissão de psicologia. Considerando a pouca discussão sobre essa temática, optamos por realizar esse debate na formação inicial em psicologia, com os(as) estudantes, pois a consideramos um importante espaço de debate, no qual se dá a aproximação inicial com a psicologia, bem como são feitas reflexões acerca da profissão

2 METODOLOGIA

A metodologia empregada realizou rodas de conversa e aplicação de questionários. Porém, nesse artigo serão apresentados apenas os dados relativos à roda de conversa.

Méllo et al. (2007) refere que:

a roda de conversa é um recurso que possibilita um maior intercâmbio de informações, possibilitando fluidez de discursos e de negociações diversas entre pesquisadores e participantes. Inicia-se com a exposição de um tema pelo pesquisador a um grupo (selecionado de acordo com os objetivos da pesquisa) e, a partir disso, as pessoas apresentam suas elaborações sobre ele, sendo que cada uma instiga outra a falar, argumentando e contra-argumentando entre si, posicionando-se e ouvindo o posicionamento do outro (p. 30).

Participaram da pesquisa dezoito estudantes de psicologia de uma universidade pública do estado de Pernambuco. Os nomes utilizados são fictícios e foram escolhidos por eles(as). As duas categorias de análise que serão debatidas a

18º REDOR
24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



seguir, emergiram através de análise temática, realizada de forma transversal, a partir da qual emergiram diferentes temas, alguns, comuns a mais de uma roda. Um tema corresponde a um determinado eixo de sentido. Foi utilizada a análise de enunciação, que é uma das técnicas associadas à análise de conteúdo. Na análise de enunciação está presente a concepção de discurso como ato de fala. Para Bardin (2004), a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações, sendo “um tratamento da informação contida nas mensagens” (p. 34). A análise de enunciação ocorreu em paralelo a essa análise temática inicial, considerando o que emergia a partir de determinado tema, de modo a aprofundar os sentidos.

3 AS PRIMEIRAS CONVERSAS

Na realização das rodas de conversa, um dos primeiros motes foi interrogar os(as) estudantes sobre o que o tema suscitou neles(as), ao serem convidados(as) para participar da pesquisa.

3.1 REMEMORANDO O CONVITE PARA PARTICIPAR DA PESQUISA

Ao serem questionados sobre o que o convite da pesquisa provocou neles(as), diferentes sentidos emergiram: Um dos participantes do primeiro período do curso de psicologia remeteu ao “feminino, masculino, sexualidade, homoafetividade e heteroafetividade” (Caio). Percebeu-se que o gênero foi associado a esses diversos elementos que foram vistos como sinônimos. As diferentes palavras trazidas pelo participante dizem respeito não apenas ao gênero, mas também à sexualidade.

Outro estudante, também do primeiro período, pensou que se discutiria sobre como e por quê: “tem essas definições de gênero e sexualidade na cabeça” (Caio Melo). Uma participante do sétimo período comentou: “não sei se ela vai falar assim, do curso que é predominantemente feminino e tal, porque realmente é” (Cibelly). Algumas pessoas relataram que essa discussão é muito ampla, conforme podemos

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE

Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:

Desafios no Campo da Militância e das Práticas



acompanhar, a seguir, através das falas dos(as) estudantes do sétimo período:

Freudita- É porque quando se fala em questões de gênero, na verdade, você não consegue focar em nada, porque parece uma coisa extremamente ampla, tipo tanta coisa tá dentro.

Coisão- Tem tanta gente discutindo isso, o tempo todo, em todos em lugares desse prédio. É o tema que tá mais em alta atualmente.

Ulisses- É feminismo.

Freudita- Mas que pode ao mesmo tempo ser tantas coisas pequenas diferentes.

Coisão- Pois é, parece que é a mesma coisa discutida em todos os lugares, mas não é, porque cada discussão é totalmente diferente da outra.

Um dos participantes do sétimo período referiu que “é o assunto da moda na psicologia” (Ulisses). É oportuno situar, que esses discursos emergiram entre participantes, já familiarizados há mais tempo com as discussões presentes no curso, pois estavam no penúltimo ano. Esses sentidos foram produzidos a partir de suas experiências com as discussões de gênero. Pensamos em experiência, a partir de Scott (1999), como algo que produz os sujeitos.

Aprofundando a discussão sobre o contexto de produção em questão, no qual o gênero foi apontado, como “assunto da moda”, no Centro de Filosofia e Ciências Humanas, CFCH/UFPE, notadamente, ao nível dos programas de pós-graduação, a discussão sobre gênero é bastante desenvolvida. O debate abrange os mais variados temas, incluindo a dicotomização no mundo profissional, baseada nas noções de profissões “femininas” e masculinas”, as produções sobre gênero e saúde masculina e sobre gênero e movimentos sociais, entre outros. A diversidade desse campo também se manifesta sob o ponto de vista teórico-epistemológico.

Realizando um mapeamento da crítica feminista contemporânea, Piscitelli (2004) afirma que nesse campo, diferentes perspectivas coexistem, a exemplo de pesquisas que trabalham com a categoria mulher. Há também aquelas que utilizam o conceito de patriarcado e as que se baseiam nas teorias feministas pós-estruturalistas, a título de exemplo. Essa diversidade também se manifesta nos tensionamentos existentes na relação entre gênero, feminismo e movimento feminista, mobilizando discussões sobre quais são as lutas desse movimento e incluindo o questionamento ao conteúdo universal, muitas vezes atribuído à categoria mulher. Concordamos com Butler (1998) quando afirma que esse conteúdo universal não se sustenta como base sólida para um movimento político



feminista.

Quando interrogada sobre o que o convite da pesquisa suscitou, uma estudante do segundo período citou conhecimentos anteriores sobre o tema, afirmando que já havia estudado sobre gênero e sexualidade, no curso de psicologia. Alguns participantes do segundo período acharam ambíguo o convite:

Pietra- Eu não entendi muito bem, se... a questão de gênero e profissão, se isso seria a nossa visão enquanto estudantes de psicologia sobre o gênero, ou se seria, é... assim eu não consigo, como o gênero entrou na nossa escolha, não entendi, não ficou muito claro.

Edjudcreidson- É ficou meio ambíguo, assim.

Raiza- Pronto. A gente vai conversar agora sobre essas questões.

3.2 REFLETINDO SOBRE A PRESENÇA DE MULHERES NA PROFISSÃO DE PSICOLOGIA

A partir do que os(as) estudantes trouxeram no primeiro momento, a pesquisadora continuou a desenvolver a discussão sobre gênero e profissão, indagando-os(as) com a seguinte pergunta: “Vocês sabiam que, no Brasil, noventa por cento das pessoas que exercem a psicologia são mulheres?” (CFP, 2012).

Os(as) participantes compartilharam essa realidade social, referiram ter percebido que há muitas mulheres, ou o que se convencionou chamar “mulher”, pensando nos diferentes sentidos que podem estar associados à “mulher”. Esta compreensão foi suscitada, a seguir:

Eu não sabia o dado correto, mas eu também já tinha consciência de que era uma quantidade, assim, é... bem desproporcional (Dulce, 2º período do curso de psicologia).

Pra mim, assim, eu já tinha feito, eu já tinha procurado saber sobre isso é, por que é que tem tanta mulher fazendo psicologia? enquanto nos Estados Unidos, a maioria é homem, aí eu já tive contato com relação a isso, porque eu acho assim a questão de estudar mais humanas, essas questões, eu acho que já é cultural, que seja mais mulher (Caio Melo, 1º período do curso de psicologia).

O discurso de *Caio* chamou-nos a atenção, por ter apontado que já havia buscado saber sobre essa majoritária presença de mulheres. Bonnasi e Müller (2013) afirmam que a predominância de mulheres na profissão de psicologia, ocorre

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE

Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:

Desafios no Campo da Militância e das Práticas



em grande parte dos países do mundo, ao contrário do que indicava a maioria dos dados sobre a situação, há três décadas. Referem também que são escassas as publicações sobre a presença de mulheres na psicologia, em outros países. Essas autoras citam Sexton e Hogan (1992), os quais baseados numa pesquisa realizada em quarenta e cinco países, afirmam que a psicologia no mundo tende a ser uma profissão feminina. Esses autores:

elencam seis países onde a psicologia é altamente dominada por mulheres: República Dominicana (95%); Filipinas, onde a proporção de mulheres psicólogas foi de 5:1; Iugoslávia e Argentina, onde a proporção foi de 4:1, Venezuela e Polônia, onde a razão foi de 3:1, e em Israel, de 2:1. Apontam também que de todos os países que responderam sobre a frequência de homens e mulheres, apenas Austrália, Canadá, Egito, Japão, Coreia, Holanda, Nova Zelândia, Noruega, África do Sul e Estados Unidos da América afirmaram ter maioria de homens na profissão (p. 87).

Nesse momento inicial da roda, diferentes experiências compuseram os sentidos das construções de gênero na profissão de psicologia. Os(as) participantes do primeiro ano, construíram esses sentidos a partir de suas experiências iniciais no curso de psicologia, citando o listão do vestibular, a chegada na sala-de-aula, ambas atravessadas pela comparação do quantitativo de homens e mulheres, ao passo que, para os(as) do penúltimo ano essas experiências iniciais foram pouco suscitadas. Um dos participantes do penúltimo ano chegou, inclusive, a explicitar que no momento de realização da roda de conversa, havia mais homens que mulheres, presentes. Nesses contextos de produção, foi enunciada a diferença sexual, objetivada na referência a homens e mulheres na profissão de psicologia.

As falas, a seguir, também foram produzidas a partir das experiências iniciais no curso de psicologia:

Raiza- Mas tu ficou surpresa quando?

Ariadna- Quando saiu o listão.

Raiza- Quando saiu o listão?

Ariadna- Eu vi que tinha muita gente, tinha passado 40 e acho que tinha 13 caras, eu achei muito. Eu achei muito mesmo, eu que achei que fosse ser no máximo eu e mais dois caras e assim... esses seriam homossexuais, então esse estigma também (2º período do curso de psicologia).

Edjudcreidson, participante dessa roda de conversa também mencionou isso:

E é, quando eu cheguei aqui no curso também eu esperava como Ariadna, assim, que fosse ter 3 caras, dois gayzão (risos), aquele negócio todo. E, aí vi que não. O pessoal que realmente tá interessado na mente humana... é mesmo assim

18º REDOR
24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



continua os estigmas, mas acho que com o passar do tempo isso vai mudar (2º período do curso de psicologia).

Nesses discursos houve a referência às identidades de gênero e às identidades sexuais. No debate contemporâneo sobre a sexualidade, há a discussão relacionada à oposição entre identidade e comportamento, esse último geralmente associado às práticas sexuais (DUARTE, 2004). Concordamos com Trindade e Nascimento (2004) que determinada prática sexual não indica necessariamente uma mesma identidade social, pois as práticas sexuais são apenas um dos elementos que contribuem para a construção da identidade, as quais podem adquirir, ou não, uma feição mais proeminente, a depender da situação.

Considerando o contexto de produção em questão, percebemos que os discursos estão vinculados à identidade homossexual atrelada ao estigma. Os homens que se interessaram pelo curso de psicologia foram nomeados homossexuais, a partir da referência ao “feminino”, o qual, aqui, parece ser sinônimo de mulher. Swain (2001) pontua que a nomeação diz respeito ao fato de que quando se designa, é criada uma identidade material em torno da sexualidade e, em seguida, ela é nomeada: heterossexual, homossexual, lésbica, por exemplo, mas a norma, o paradigma de referência é a heterossexualidade.

Em seu livro História da sexualidade, Foucault nos mostra que a construção moderna da pessoa dependeu da emergência da sexualidade como nova instância de verdade do sujeito, nevrálgica e delicada, porém essa centralidade em torno da sexualidade não existiu sempre (DUARTE, 2004; FOUCAULT, 1994).

Não pensamos a sexualidade desvinculada do gênero. Butler (2008) é uma das autoras que trabalha esses conceitos de forma relacional, ela considera que a “unidade” do gênero é efeito de uma regulação que visa uniformizar a identidade de gênero através da heterossexualidade compulsória, que permeou o contexto de produção discutido. De acordo com Salih (2012), Butler descarta que o gênero ou sexo sejam uma substância permanente, argumentando que uma cultura heterossexual e heterossexista estabelece a coerência dessas categorias para perpetuar e manter o que a poetisa e crítica feminista Adrienne Rich chamou de “heterossexualidade compulsória”, a ordem dominante pela qual homens e mulheres



se veem solicitados ou forçados a serem heterossexuais.

Louro (2001) aponta que a homossexualidade e o sujeito homossexual são invenções do século XIX. Antes, as relações amorosas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo eram consideradas sodomia, uma atividade indesejável ou pecaminosa à qual qualquer um poderia sucumbir. Tudo mudaria a partir da segunda metade daquele século, no qual a prática passava a definir um tipo especial de sujeito que viria a ser assim marcado e reconhecido. Esse resgate histórico é oportuno visando problematizar a categoria homossexual que emergiu nos achados da pesquisa.

Retornando ao discurso de *Edjudcreidson*, emergiu a ideia de mudança no estigma fundado na associação entre psicologia - feminino - homossexualidade. Para ele, essa mudança pode vir com o passar do tempo, corroborando para o processo de mudança social nas relações de gênero, pensando na sociedade como um todo. Esses sentidos estão atravessados por representações sociais acerca do gênero e da sexualidade. Nesse contexto, Arruda (2000) teorizando sobre representações sociais e mudança social afirma que qualquer acumulação de informação, experiências e proposição de mudança tenderá a introduzir novos conhecimentos que vão se transformando em objetos de elaboração, sobre os quais se produzem representações sociais. Isso está relacionado à dinâmica de formação das representações sociais.

A menção à sexualidade que problematizamos, anteriormente, também ocorreu nos discursos a seguir:

Caio Melo- [...] Por isso que um homem ia pensar duas vezes antes de fazer psicologia, ele vai ficar pensando, aí será que vão achar que sou gay, alguma coisa assim, mas tipo eu não tenho nada a ver, não tenho nada contra isso.

Raiza- E aí, como é que é pra vocês, isso que ele falou?

Caio- Ahh pra mim, eu não tenho problema nenhum, até porque eu vou a boates gays, eu frequento lugares gays. Eu não tenho problema nenhum sabe. E aí a primeira vez que eu sofri esse tipo de... vamo dizer assim de impedimento foi quando eu quis fazer teatro, um curso prático de teatro e minha mãe não quis deixar porque ela disse que eu só ia encontrar lá gay, lésbica e maconheiro [...] mas quanto a isso eu me sinto bem à vontade, e até os lugares de lazer que eu vou, eu vou pra esses lugares, porque eu consigo me sentir totalmente à vontade, ninguém me incomoda, nesses lugares. Então, independente de encontrar ou não no curso, mas mulheres eu sabia que ia encontrar, de fato (risos). Até no listão, eu vi, só tinha, encontrei, o que, oito pessoas, meninos na sala da gente (1º período do curso de psicologia).

Foi enunciado o respeito às diferenças no discurso de *Caio*. Um dos(as)

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE

Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:

Desafios no Campo da Militância e das Práticas



participantes discordou de Caio com relação à quantidade de meninos na sala-de-aula:

Caio Melo- Não. A sala da gente é equilibrado.

Penélope- É.

Caio Melo- Quando eu tava na Unicap, eu era o único homem da sala, quando cheguei aqui, eu encontrei uma situação mais igualitária.

Penélope- Os veteranos dizem que nossa sala é a que mais tem homens (1º período do curso de psicologia).

Percebemos a referência ao quantitativo de homens e mulheres, atravessada por pelo menos dois sentidos, não necessariamente excludentes. Os efeitos que esses sentidos produzem, dependerá da forma como são operados. Isso ocorre em meio a relações de poder. Esse quantitativo ao mesmo tempo em que se assenta na marcação diferenciada entre homens e mulheres, também parece anunciar um processo de mudança social possibilitado pela inserção de homens no curso de psicologia. Sobre essa polissemia de sentidos, Scott (1999) ressalta que o tipo de leitura que ela tem em mente, “não pressupõe uma correspondência direta entre as palavras e as coisas, nem se restringe a significados únicos, nem tem o propósito de resolver contradições” (p. 16). Ela afirma, inclusive a importância de atentar para o literário associado a essa polissemia, como uma possibilidade de análise, mas não a única.

Essa referência à diferença no quantitativo de homens e mulheres, também foi enunciada no discurso a seguir:

É... eu sou de Caruaru, aí, lá também tem o curso de psicologia, não é federal é universidade particular e aí minha amiga faz esse curso lá e aí ela disse olha, a minha turma tem 50 alunos e só tem 2 homens é os 2 são gays, gays assim, bichas mesmo, aí eu vim pra cá imaginando que seria assim. Eu tinha conversado com minha mãe e ela disse a mesma coisa, que na época dela eram muito poucos homens, aí eu vim pra cá, imaginando isso, que seriam poucos homens, e que todos gays. Aí, também quando eu vi o listão eu achei muitos homens, mas o que me surpreendeu mais foi assim, no primeiro dia de aula eu vim pra cá eu fiquei olhando assim, poxa esse menino não parece ser gay, aquele também não, aquele também não, (risos do grupo). Então pra você ver como as coisas são diferentes, do que se é, pelo menos estão mudando, né. Lá no interior ainda existe mais preconceito em cima do curso, no interior, as pessoas têm mais cabeça fechada, do que aqui na capital. Então, lá no interior, psicologia é visto mais como um curso para meninas do que é aqui na capital (Dulce, segundo período do curso de psicologia).

Nesse discurso foram trazidos também elementos temporais, quando se mencionou que na época da mãe de *Dulce* havia poucos homens no curso de



psicologia, bem como diferenças na inserção de homens e mulheres nos cursos de psicologia no interior e na capital. No interior, o curso é visto como “para meninas” devido ao preconceito. Mais uma vez, a sexualidade foi referida, relacionada às identidades sexuais - gays que cursam psicologia. A participante referiu que, na sua visão, vários de seus colegas, meninos, não eram gays e isso foi responsável pela desconstrução da associação entre psicologia - homossexuais. A pesquisadora questiona: e se fossem gays? ser gay estaria associado à mulher e/ou ao feminino? A associação entre gay e feminino está assentada na mesma dicotomia que separa feminino e masculino.

Elementos temporais também foram enunciados no discurso a seguir:

E... assim, até o próprio medo, porque pode ocorrer de a pessoa, não agora, porque a gente tá bem mais esclarecido, dessa questão principalmente da homoafetividade, tá tendo mais abertura, mas antigamente vamos supor, acho que. Acho não, tenho certeza que seria difícil um cara dizer aí quero fazer psicologia, e não se deparar com as críticas, e de repente meio que mudar de ideia, ou não; procurar algo parecido, pra vamo dizer assim não correr o risco de... sofrer um preconceito, essa coisa toda, ou até de coisas absurdas, feito eu já ouvi também gente falar que não vai fazer determinada coisa, com medo de se tornar gay ou de adquirir alguma coisa mais afeminada (Caio, primeiro período do curso de psicologia).

Além de elementos temporais, nesse discurso foi enunciada a homofobia, o medo de se “tornar gay” “ou adquirir alguma coisa mais afeminada”, caso um homem opte pelo curso de psicologia.

Sobre esse aspecto, sabemos que a literatura sobre masculinidades, é enfática ao dizer que a busca de uma sexualidade que se distancie de elementos ditos femininos é central na constituição das masculinidades. A homofobia aparece nesse cenário como elemento que rege as inter-relações dos homens em diversos contextos, buscando afastar e rechaçar aproximações em torno de modelos homossexuais. Não se pretende com isso negar o que o participante se referiu, quando disse que há tempos atrás, seria mais difícil para um homem cursar psicologia, devido à uma menor compreensão da questão de gênero, a um menor esclarecimento (TONELI; ADRIÃO, 2005).

Entretanto, compreendemos que nesse enunciado foi suscitada a homofobia, relacionada à associação entre psicologia - mulher - feminino, pois aqui se depreende que esses últimos elementos são sinônimos. Sendo assim, um homem

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



que cursa psicologia poderia ser visto como gay, já que psicologia é sinônimo de feminino ou mulher.

Elementos histórico-temporais também foram enunciados nos discursos a seguir:

Cláudia- Eu não lembro quem falou isso, se foi algum professor, ou se foi outra pessoa, que antigamente o curso de psicologia não era isso de muito mais mulheres do que homens, é isso mesmo, falei certo? que tinha mais homens até e foi mudando isso, ao longo do tempo. Porque eu penso como é clássica essa questão do homem como provedor, que não é dócil, né, como a mulher, essas coisas, mas eu não sei se tá ligado, porque antigamente também tinha né, até mais, eu não sei porque teve essa mudança de perfil.

Coisão- Dependendo de quanto seja era antigamente, era uma época que todas as profissões tinham mais homens que mulheres.

Heloiza- Porque as mulheres não tinham muito acesso.

Cibelly- E agora toda a faculdade tem mais mulher do que homem (Sétimo período do curso de psicologia).

Nesses discursos, além da divisão entre homens e mulheres, já problematizada, também foi citado o crescimento da inserção das mulheres no ensino superior.

Orsi (2012), tomando como referência os dados do Relatório Education at a Glance, publicado pela Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico, OCDE, aponta que a proporção de mulheres brasileiras com títulos acadêmicos de nível superior é maior que a de homens. A parcela de mulheres adultas com diploma é de 12% e de homens, 10%.

4 CONCLUSÃO

No momento de tecer apontamentos conclusivos, é oportuno afirmar que em alguns momentos, as experiências iniciais trazidas pelos(as) estudantes de psicologia foram marcadas pelo preconceito, relacionado ao fato de estar num curso “feminino”, porém os(as) participantes demonstraram refletir sobre essa concepção, ao longo do desenvolvimento da roda de conversa, inclusive questionando esse preconceito que foi manifestado inicialmente.

Optamos por trazer essas impressões iniciais relacionadas ao debate sobre gênero e profissão de psicologia, por nos permitirem acessar conteúdos que

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE

Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:

Desafios no Campo da Militância e das Práticas



comumente estão presentes no dia-a-dia, em conversas cotidianas e na mídia. Categorizar as profissões em “femininas” e “masculinas”, é algo ainda presente em nossa sociedade, porém sabemos que já estão ocorrendo diversos avanços.

Apontamos que o momento de escolha profissional, vivenciado pelos(as) estudantes se configura como período marcado por conflitos em torno de qual profissão escolher e que a dicotomização das profissões em femininas e masculinas, referida anteriormente é mais um elemento gerador de tensão. Essa escolha não deve estar pautada nas dimensões de gênero e/ ou sexualidade, devendo ocorrer a partir da identificação do(a) estudante com determinada profissão. Acrescente-se a isso que sua futura atuação profissional também não está baseada nessas dimensões. O exercício profissional não está relacionado ao gênero e/ ou sexualidade de uma pessoa.

Realizar a discussão sobre gênero e profissão em espaços educativos como a universidade, possibilita o questionamento de lógicas binárias e a existência de relações de gênero mais igualitárias.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. 3 ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

BONASSI, Bruna Camillo; MÜLLER, Rita Flores. A feminização da profissão e a presença de mulheres na psicologia. In: LHULLIER, Louise (Org.). **Quem é a psicóloga brasileira?** Brasília: Conselho Federal de Psicologia, CFP, 2013. p. 79-92.

BUTLER, Judith. Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do pós-modernismo. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 11, p. 11-42, 1998.

_____. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, CFP. **Jornal do Federal**. Ano XXIII, nº 104, jan/ago (2012).

DUARTE, Luiz Fernando Dias. A sexualidade nas ciências sociais: leitura crítica das convenções. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; CARRARA,

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE

Tema: **Perspectivas Feministas de Gênero:**

Desafios no Campo da Militância e das Práticas



Sérgio. **Sexualidade e saberes:** convenções e fronteiras. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2004. p. 39-80

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I:** a vontade de saber. Lisboa: Antropos, 1994.

LHULLIER, Louise. Introdução. In: (Org.). **Quem é a psicóloga brasileira?** Brasília: Conselho Federal de Psicologia, CFP, 2013.

LOURO, Guacira. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 541-553, jul./dez. 2001.

MÉLLO, Ricardo Pimentel et al. Construcionismo, práticas discursivas e possibilidades de pesquisa em psicologia social. **Psicologia e Sociedade**, Porto Alegre, v. 19, n. 3, p. 26-32, set./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v19n3/a05v19n3.pdf>>. Acesso em: 21 mar. 2013.

ORSI, Carlos. Mulheres são maioria no ensino superior, mas homens dominam o mercado de trabalho. **Revista Ensino Superior**, São Paulo: Unicamp, 2012. Disponível em: <<http://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/notas/mulheres-sao-maioria-com-nivel-superior-mas-homens-dominam-mercado-de-trabalho>>. Acesso em: 15 out 2013.

PISCITELLI, Adriana. Reflexões em torno do gênero e feminismo. In: **Poéticas e políticas feministas**. COSTA, Cláudia de Lima; SCHMIDT, Simone Pereira (Orgs.). Florianópolis: Editora Mulheres, 2004. p. 43-66.

SALIH, Sarah. **Judith Butler e a teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

SCOTT, Joan. Experiência. In: SILVA, Alcione Leite; LAGO, Mara Coelho de Souza; RAMOS, Tânia Regina Oliveira (Orgs.). **Falas de gênero**. Santa Catarina: Editora Mulheres, 1999. Disponível em: <http://historiacultural.mpbnet.com.br/feminismo/Joan_Scott-Experiencia.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2012. p. 1-23.

SWAIN, Tania Navarro. **Para além do binário: os queers e o heterogêneo**. Niterói, v. 2, n. 1, p. 87-98, 2001.

TONELI, Maria Juracy Filgueiras; ADRIÃO, Karla Galvão. Sexualidades masculinas: perspectivas teórico-metodológicas. In: GROSSI, Miriam Pillar et al (Orgs.). **Movimentos sociais, educação e sexualidades**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. p. 93-106.

TRINDADE, Zeidi Araujo; NASCIMENTO, Adriano Roberto Afonso. O homossexual e a homofobia na construção da masculinidade hegemônica. In: SOUZA, Lidio; TRINDADE, Zeidi Araujo (Orgs.). **Violência e exclusão:** convivendo com paradoxos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 146-162.

